

## A dimensão ética dos possíveis destinos da pulsão

Resenha de Maria Rita Kehl, **Sobre ética e psicanálise**, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, 203 p.

Que contribuições o advento da psicanálise freudiana trouxe para a criação de novos vetores para uma ética de seu tempo? Como seu corpo teórico pode criar vetores para outra ética na atualidade?

Com profundidade e clareza, a autora discute a ética não apenas em relação a diferentes conceitos e tópicos psicanalíticos mas também a campos e autores diversos. Dessa discussão, a poesia, o humor e o erotismo surgem como paradigmas éticos da psicanálise.

O aspecto coletivo de uma obra passa, entre outras coisas, por ela se dar a conhecer. Ser tomada de quem a criou, movida por suas inquietações, para, em outro momento, ser do mundo. Essa passagem está indissociada do rebuliço causado em quem com ela se depara, que, já afetado, fica lançado às formas de contar para o outro o que viu. Fica a obra posta no jogo dos intercâmbios e na possibilidade de novas leituras.

O livro *Sobre ética e psicanálise*, de Maria Rita Kehl, é uma obra, no sentido pleno da palavra, que aborda com profundidade e clareza o tema a que se propõe. Vai, com seu estilo literário, nos envolvendo na tecedura de uma rede complexa de questões relacionadas à ética e à psicanálise. E, quando nos damos conta, estamos dialogando com a autora, compartilhando suas inquietações e nos arriscando, escritora e leitores, a colocar palavras em busca de um destino possível para elas, caminho pulsante de desejo. De modo analítico, coloca a ética conversando não apenas com diferentes conceitos e tópicos psicanalíticos como também com campos e autores diversos. Evidencia e potencializa conflitos, resultando destes um modo original e vivo de escrever e teorizar.

O texto faz um recorte no campo da ética no qual irá trabalhar: as implicações éticas do advento da psicanálise no ocidente. Desde essa perspectiva nos indaga: qual a contribuição da psicanálise freudiana para a criação de novos vetores que orientem uma ética para seu tempo? Que pressupostos éticos sustentam a vida contemporânea? E como pode a psicanálise, sustentada no seu corpo teórico, corpo que vem da clínica, criar vetores para outra ética na contemporaneidade?

A autora contextualiza e resalta aspectos da contemporaneidade. Se no surgimento da psicanálise a noção de inconsciente abalou a modernidade, hoje se acredita que o psiquismo pode se libertar de seus incômodos efeitos. O cientificismo e a lógica de mercado cujos discursos nos atravessam provocam destituição subjetiva e subordinação a um Eu soberano que desresponsabiliza o sujeito de sustentar sua angústia de viver. Busca-se um objeto, prometido pela lógica de mercado, que satisfaça. A tirania é sustentada nessa crença da possibilidade de fruição imediata da satisfação. São objetos-fetichismo que se esgotam e se consomem em si mesmos. Bus-

ca-se um objeto com estatuto de bem supremo. Buscam-se, na tentativa de anulação de perturbações, os iguais à custa de fazer da diferença um absoluto estranho. Os sujeitos são intolerantes ao mal-estar, como se não houvesse registro nem lugar para a inscrição das marcas mnêmicas de desprazer. A fruição imediata aparece na ausência de uma narrativa que apóie e dê sentido ao adiamento. A violência aparece como reação à violência dos imperativos a que o homem está lançado. Surgem sujeitos sem sonhos, sem lapsos, sem fantasias, desligados de sua capacidade de dar sentido.

É por ter algo a dizer sobre o sentido que a psicanálise, em sua insistência, pode fazer face ao poder dos discursos que hoje nos atravessam e que dificultam a consistência de um laço social.

À luz do mal-estar na cultura, a autora potencializa o pensamento freudiano no qual o sentido é uma construção coletiva e seus efeitos são inscritos na cultura. "...o sentido ou significado de um ato, de uma experiência ou de uma vida inteira se revela na interface entre o que é mais singular, mais particular para o agente vivente, e sua inscrição simbólica na cultura em que vive" (p. 9). O sentido não é um ato individual. É uma tarefa coletiva, da cultura, "da qual cada sujeito participa com seu grão de invenção" (p. 12).

Explicita-se, desde as primeiras páginas do texto, a relevância e a pertinência de nos ocuparmos das relações entre subjetividade, ética e laços sociais.

Vale-se do texto de Freud, *Totem e tabu*, para falar do mito que marca a vida do homem em comunidade. Nele, coletivamente, os irmãos levam a cabo o que não se poderia fazer individualmente. Todos os membros são co-autores do estabelecimento das relações de poder e da legitimação simbólica da autoridade. Os irmãos inventam a interdição do incesto para que uma autoridade, agora simbólica, possa valer. A idéia da perda do objeto do gozo em nome de um sujeito desejante é bem marcada no texto. A partir desta perspectiva, a "psicanálise se estabelece como uma teoria que assume definitivamente sua dimensão ética" (p. 44). Assim, a filiação não faz mais um destino como na era pré-moderna. Ele está para ser inventado. E a reinvenção coletiva de uma referência simbólica organizadora (fora do espaço e do tempo presentes) evita que os irmãos fiquem entregues à violência pulsional. O assassinato do pai da horda primitiva é pois condição do surgimento do desejo. Assim, "é sempre um desejo criminoso que se encontra no limite do que o sujeito pode saber de si" (p. 45). É o duro desejo de desejar.

O aniquilamento da condição desejante nos fala da culpa, dimensão do masoquismo de se oferecer como objeto de

gozo do tirano. “Entre a sujeição e o crime, ainda que simbólico, o sujeito ético da psicanálise não tem como não escolher, custe o que custar, o crime” (p. 46) ... para não ficar submetido à pulsão de morte.

Se o mito de totem e tabu sustenta a criação das culturas comunitárias, há uma longa passagem destas às culturas do individualismo na modernidade. Nelas, o sujeito moderno usurpa a autoria coletiva criando a ilusão de individualidade e autonomia. E é desse sujeito que a psicanálise vem se ocupar, desse sujeito separado de uma coletividade protetora. Livre e desamparado. Esse é o sujeito da psicanálise, que nessa falta de identidade busca incessantemente a criação de significantes com os quais possa se identificar – parcialmente. A crise ética que irrompe na passagem da era pré-moderna para a moderna aponta para o recalque do coletivo. O surgimento da psicanálise nesse momento a implica eticamente no compromisso com esse coletivo que ela aponta ao ouvir a neurose.

Com erudição e clareza, Kehl se vale da filosofia, da história, da religião, da ciência, entre outros campos, para configurar e evidenciar a complexidade da construção subjetiva.

Nessa construção, o que dizer da irrupção da crise ética da modernidade? Estaria em jogo a recusa do conflito, e não apenas o seu recalque? A crença num objeto de satisfação total traria o submissão a esse tirano onipotente que um supereu arcaico encarna? O texto trilha caminhos acerca dessas questões.

A autora aponta que, nessa recusa, o sujeito não mais

desfruta da liberdade que a modernidade trouxe. Preserva o fantasma onipotente do pai, recusando-se a desfrutar de sua relativa orfandade. Porém, continua: “O neurótico é alguém que, num mundo sem um Deus que anime pela palavra nosso pó, deseja ainda servir ao Outro, a Ninguém... É porque o outro, a quem o sujeito deseja se submeter não deseja nada dele – condição do desamparo moderno – que caberia ao sujeito tomar a responsabilidade pelo desejo e dar a este outro destino que não o da subordinação masoquista” (p. 83). “Quando o Outro revela sua brutal indiferença, nada podemos fazer a não ser tomar a palavra” (p. 84).

Maria Rita Kehl constrói um texto fecundado por paradoxos. Se na concepção de sujeito, o Eu é dividido pelo desconhecimento de uma dimensão de si, ele não pode formar um consigo mesmo. O paradoxo nos constitui, não há possibilidade de união entre o bem e o bem-estar. Essa não coincidência tem uma implicação ética, destituindo de um único objeto a possibilidade de encontrarmos a felicidade. Tomando a concepção de desejo, é porque ele é “tributário da Lei... que o sujeito se vê sempre separado do objeto de seu desejo por uma distância, que é exatamente o que permite que o desejo se mantenha” (p. 108). O que aproxima o sujeito de seu desejo é a palavra. Cria a possibilidade de interlocução para que também tomemos a palavra prenha de dúvidas, na busca de uma ética que leve em conta o saber da psicanálise e que fale do homem contemporâneo em sua complexidade.

A autora toma a palavra, a narrativa, a poética. Ao introduzir cada capítulo, nos brinda com um poema, e nos remete à potência da palavra. Potência esta tão reafirmada por Freud e por seus sucessores. E Maria

Rita Kehl percorre diversos autores e pensamentos psicanalíticos para ir se aproximando de outros modos de satisfação da pulsão para além do recalque, da recusa, do submissão superegóico.

A sustentação da divisão, do sofrimento e a possibilidade de prazer têm um valor ético na psicanálise. Onde há falta-a-ser há possibilidade de representar. E na capacidade de representar o sujeito pode se implicar na escolha dos destinos da pulsão e na busca de outras vias, parciais, de satisfação.

Mais uma vez a autora nos indaga: a que prazeres o mundo contemporâneo lança o homem? A prazeres que representam o gozo de poder? Proporia a metapsicologia psicanalítica uma ética dos pequenos prazeres?

Para Kehl, é impossível fundar uma ética “sem que algum significante represente, no Inconsciente, a Lei que barra o excesso de gozo e impõe a cada sujeito uma renúncia à plena satisfação pulsional” (p. 104).

Saído do registro do Pai onipotente, o Nome-do-pai possibilita esse sujeito marcado pela Lei, porque não se coloca como autor, mas como portavoz e inscreve no sujeito um traço mínimo. A isso, entretanto, a autora coloca a questão: essa inscrição seria suficiente para dar conta da tarefa que o homem moderno tem diante de si de construir permanentemente um destino individual, de uma permanente construção de si mesmo?

É a possibilidade de inscrição no psiquismo das marcas de satisfação de uma pulsão parcial que permite ao sujeito romper com a condição de absoluta submissão ao Outro. Isso dá conta de uma parte da questão.

Vale aqui um pequeno desvio. Seguindo as considerações da autora, a relevância da ética da cura é clara em seu texto e a elaboração do amor de transferência aponta para a importância da sustentação da posição do analista, lugar vazio. Deixar o lugar vazio abre brechas no circuito fechado da pulsão em torno de um único objeto, para um novo destino para ela, efeito da instalação no inconsciente do objeto do desejo. O objeto da pulsão se revela vazio na renúncia à onipotência. O objeto do desejo também, já que se trata de vestígios. Fica a abertura para o circuito simbólico do desejo e a construção de destinos possíveis da pulsão.

Cumprido salientar que a noção de coletivo permeia o texto assim como as relações deste com o supereu. O supereu arcaico, o edípico e o coletivo, que já se insinuam em alguns textos de Freud, percorrem o livro nas considerações e nas possibilidades sobre a ética, os laços sociais e o coletivo. Como essas dimensões superegóicas se articulam? Como responder a tantos mandatos? O que se passa em suas injunções em nosso tempo? Enfim, questões que ficam em aberto para que continuemos refletindo a esse respeito.

No livro, a sustentação na teoria psicanalítica do Inconsciente, do desejo, do sujeito dividido e da potência da palavra permite que se descole de um supereu cruel. Supereu nascido do recalque, que transforma em proibido o impossível. Ao invés de encerrar a fantasia incestuosa continua exigindo que o sujeito goze do impossível. Devido a essa sua face sádica

é que o sujeito fica tentado a se submeter a exigências impossíveis. Renunciar ao gozo incestuoso relança o sujeito à coletividade, assim como o coloca a falar em nome próprio, construir seu próprio destino. Como ressalta a autora, nos resignarmos ao impossível nos torna menos lançados ao outro (forma de camuflar o desamparo que a modernidade nos trouxe). Ao cessarmos de girar em torno de uma crença única, de um único objeto, tornamo-nos mais capazes de enfrentarmos nossa condição moderna, e poderemos ser mais inventivos e mais responsáveis por nosso desejo. Rir mais desse senhor cruel.

Como? Mais uma vez, Kehl nos coloca um paradoxo: na busca de algum prazer, nada há além do significativo que possa ser objeto de satisfação; ao mesmo tempo, “o que se pode gozar de um objeto sexual deixa sempre um resíduo, um resto de gozo que dele não se satisfaz” (p. 159). A psicanálise aponta, portanto, para outras formas de gozar, de buscar um pouco de prazer para além do gozo incestuoso e do sexual. Eis a possibilidade da sublimação. Na sublimação, o sujeito cria um objeto que representa seu desejo e se representa para o Outro. Esta é a dimensão coletiva da sublimação que “possibilita articular restos de gozo, restos do real, a uma fantasia compartilhada por um grande número de pessoas” (p. 161).

Traz, então, a noção de gozo criador e o conceito de sublimação é tomado por seu alcance ético “justamente porque permite o enfrentamento do problema, aparentemente incontornável, da relação sujeito com a pulsão de morte” (p. 163) – que resiste em ser articulada a um significante. Ela é resto pulsional que ultrapassa a dimensão do desejo e aponta para o vazio na sua capacidade destrutiva de colocar em causa tudo o que existe. Como sempre haverá um resto, um além do significante, a tendência ao vazio pode produzir, em sua insistência repetitiva, algum novo objeto. Já que nem tudo pode ser sublimado, a potência da pulsão em tender ao vazio pode ser contornada com uma palavra ou com um objeto inventado. Fazer do desejo palavra, como diz Maria Rita Kehl, é desconfiar do seu sintoma, da solução de compromisso e é lançar-se à empreitada que visa a sublimação.

É aí que a leitura do livro nos lança nos caminhos do estilo, da autoria. A poesia, o humor e o erotismo aparecem como paradigmas éticos da psicanálise. Apontam, também, para a possibilidade de falar em Nome Próprio.

No texto, criar palavra, criar objeto, traz marcas reconhecidas no coletivo que sustentam o mal-estar na vida cotidiana e no sujeito. Apontam para a possibilidade da reconquista de um espaço interno, de uma intimidade que, longe de tornar a autonomia um ideal ilusório a ser cumprido, uma recusa do conflito, potencializa o paradoxo e possibilita a construção de laços sociais entre sujeitos marcados pela alienação e liberdade. O Nome Próprio pressupõe a instauração da alteridade. É ela, radicalidade da diferença, que permeia a possibilidade de o sujeito se indagar sobre seu corpo, seu sonho, seu estrangeiro e perguntar-se, no coletivo, quem é esse outro.

Fica posta a historicidade do sujeito da psicanálise, sua dimensão coletiva e a sustentação de seus registros que podem trazer elementos para discutir a crise ética de nossos tempos. Ética, então, como um outro lugar que oriente a ação dos homens para a criação.

A delicadeza do texto de Kehl está em sua insistência indagativa tendendo ao sem-resposta e, portanto, em sua potência inventiva que nos coloca a continuar trabalhando com as palavras e nos implicando, como não poderia deixar de ser, em nosso tempo. Fiquemos com as palavras de um poeta:

*“Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.  
A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.  
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso.  
O menino era ligado em despropósitos.  
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.  
A mãe reparou que o menino*

*gostava mais do vazio do que do cheio.  
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.  
Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito porque gostava de carregar água na peneira  
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.  
No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.  
O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.  
Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase.  
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!  
A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou:  
Meu filho você vai ser poeta.  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.”*

MANOEL DE BARROS, *O menino que carregava água na peneira.*

**Renata Caiaffa** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise e professora do curso Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, do Instituto Sedes Sapientiae.